

É mesmo confiável a tradução venezuelana de Theodor Koch-grünberg: “Vom Roroima Zum Orinoco”? - Comparação crítica entre o original e a edição de Caracas, 1979-82

Prof. Dr. Erwin H. Frank¹

Resumo

Partindo da curiosa observação que, mesmo sendo (sem dúvida) uma das mais importantes fontes da etnografia e etno-história de Roraima, os autores brasileiros quase nunca citam o original (em alemão) da famosa obra do antropólogo alemão Theodor Koch-Grünberg “Vom Roroima zum Orinoco” (Berlín/Stuttgart 1917-1926), mas a tradução dela ao espanhol que – duas décadas atrás – o Banco Central da Venezuela lançou em Caracas (1977-82), esse ensaio oferece uma resposta metodicamente argumentada à dúvida levantada no seu título.

Palavras chaves:

Índios. Roraima. Etnohistória.

Abstract

Departing from the curious observation that, even though – without doubt - one of the most important sources of the ethnography and ethno-history of Roraima, the original of the famous book of the German anthropologist Theodor Koch-Grünberg “Vom Roroima zum Orinoco” (Berlin/Stuttgart 1917-26) is hardly ever cited by Brazilian authors, but the Spanish translation which, two decades ago, was published by the Central Bank of Venezuela, this essay offers a methodically argued answer to the question raised in its title.

Introdução:

“Vom Roroima zum Orinoco” (1916-26²), obra prima do etnógrafo alemão, Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), é – sem dúvida - uma das mais importantes

¹ Antropólogo, professor da Universidade Federal de Roraima (Dpto. de Antropologia); Coordenador do Núcleo Histórico Socio-ambiental (NUHSA).

² Cinco Volumes: Berlin, Verlag Dietrich Reimer (Vol.II), 1916 e (Vol.I), 1917; Stuttgart, Verlag Strecker und Schröder (Vol. III e Vol.V), 1923, e Stuttgart, Verlag Strecker und Schröder (Vol.IV, Editor: Ferdinand Hestermann), 1928.

fontes da antropologia e da (etno-)história de Roraima³. São poucos os estudiosos destas disciplinas que não a citassem extensamente; - só que, por razões óbvias, (quase) **nunca no original**. Prefere-se trabalhar com a tradução da obra ao espanhol, que o Banco Central de Venezuela publicou entre 1979 e 1982⁴. Mas: será que essa tradução é mesmo confiável?

Sobram razões para dúvidas! Por exemplo: já no seu título (e, aliás, ao longo de toda a obra!), a tradução venezuelana "corrige" indevidamente o original; provavelmente porque as tradutoras da obra consideravam a grafia de (o monte) Roraima usada no original (= "Roroima") um simples "erro" tipográfico, ou até ortográfico do antropólogo alemão! Só que não tem nada de "erro" aqui! Koch-Grünberg usou mesmo a grafia Roroima (aliás: ao longo de toda a sua obra), pois sabia que - na língua dos Pemon (nativos das savanas no extremo sudeste da Venezuela) - "*roro*" significa "verde-azul", e o sufixo "*má*" indica grandeza ("*roroimá*" = o grande verde-azul)!

Também: já na contra-capa da edição venezuelana (na tradução do "subtítulo" da obra) encontramos o substantivo alemão "Ergebnisse" (isto é: "resultados") erroneamente traduzido "observaciones" e, na página seguinte, nos topamos com o sobrenome (admitidamente difícil) daquele "amigo dos índios", ao qual o antropólogo alemão dedicou o primeiro volume da sua obra (o antropólogo sueco, Barão Erland Nordenskjöld), transformado em "*Nordenshied*"⁵.

Nada disso "prova", por certo, que a edição de Caracas seja "imprestável". Mas, tais encontros nutrem suspeitos, e chamam por uma **revisão crítica** da tradução venezuelana. Com esse ensaio, tentamos cumprir com essa necessidade.

A qualidade de uma tradução depende, é claro, centralmente, do "grau" do domínio das (duas) línguas envolvidas por parte do(a) (dos/as) tradutor(es/as). Desafortunadamente, na ampla maioria dos casos, os editores de traduções não proporcionam qualquer informação com relação a esse assunto. Mas, no caso da obra aqui em questão, uma "Nota de Presentación" (p. 15 do Tomo I da tradução) nos informa de que essa tradução foi elaborada por uma "doctora Federica de Ritter"⁶ e revisada pelo "licenciado Argenis J. Gómez"⁷.

³ Mais ainda, o autor da obra, Theodor Koch-Grünberg, faz parte de um grupo de etnógrafos alemães (pré-malinowskianos, por certo: Karl von den Steinen; Paul Ehrenreich; Max Schmidt; Fritz Krause; Kermann Meyer; Wilhelm Kissenberth, Felix Speiser und Konrad Theodor Preuss) de inestimável importância para o desenvolvimento da pesquisa antropológica na Amazônia (vide Kraus, Michael: *Bildungsburgerim Urwald*, Marburg, Curupira, 2004).

⁴ Theodor Koch-Grünberg, *Del Roraima al Orinoco*, 3 Tomos, Caracas, Ediciones del Banco Central de Venezuela, Colección Histórico-Económica 40 Aniversario, 1979 a 1982.

⁵ Com relação a qualificação do autor destas linhas para um trabalho como aquele que aqui propomos realizar: Sou alemão, com 25 anos de permanência em diversos países de América Latina, principalmente no Peru, em Equador e em Brasil e entendo e falo tanto o espanhol como o português. Além do mais, sou antropólogo e etnohistoriador, com (agora já) sete anos de estudo dos mesmos povos que foram visitados e descritos por Koch-Grünberg em 1911-12.

⁶ A julgar pelo nome, a doutora Ritter foi alemã de descendência ou, até, de origem. Se o nome dela foi (ou é) mesmo "Federica", é pouco provável que ela nasceu (ou melhor: foi batizada) na Alemanha. Mas, existe - claro - a possibilidade de que, uma vez migrada para a Venezuela, ela "castelhanizou" a grafia do seu nome alemão ("Friederike/a").

⁷ Sobre tudo essa "revisão" de uma tradução realizada por uma "doutora" e "professora de idiomas da Universidade Central de Venezuela" (realizada por um mero "licenciado") nos faz suspeitar, que a Dra Ritter falou (e escreveu) espanhol somente como segunda língua!

Ritter já contava com uma "primeira versão", elaborada à iniciativa do Ministério de Educação da República de Venezuela, por uma "señora Clemencia Rath"⁸, e – ainda: que, ao longo do trabalho dela, a Dr.a Ritter procurou a "colaboração [??] da embaixada alemã", além de contar com a ajuda do "doutor Sambrano Urdaneta, crítico de amplíssima formação humanística ... para que a versão espanhola mantenha a qualidade estilística que corresponde a uma obra dessa classe" (Ibid.; tradução: E.F.).

A primeira vista, pois, a editora venezuelana (o Banco Central de Venezuela) tomou mesmo **toda precaução imaginável** para garantir a mais alta qualidade da tradução. Resta saber se, afinal, essas precauções foram mesmo suficientes.

Metodologia:

Uma vez localizado um exemplar da primeira e (até agora) única edição da obra de Koch-Grünberg (Berlim, Stuttgart, 1917-1928) na biblioteca do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, INPA, Manaus, nosso trabalho se desenvolveu em três passos.

Inicialmente, realizamos uma comparação, principalmente do "formato", das características tipográficas (tipo de papel, fontes, e outros elementos gráficos) e das características estruturais gerais do "original" e da edição venezuelana. Dos resultados desta parte inicial de nossa pesquisa interessam aqui, unicamente, alguns achados lamentáveis, com relação à composição/estruturação geral da tradução em comparação com o original.

Em seguida, realizamos uma segunda comparação, muito mais detalhada, para detectar mudanças mais pormenorizadas na composição ou estrutura geral das duas obras (original e tradução), por exemplo, na seqüência e/ou a titulação dos capítulos, ou em conseqüência de eventuais omissões não avisadas, de mapas, fotografias e outros materiais ilustrativos (estatísticas, tabelas, etc.).

Finalmente, realizamos ainda uma comparação pormenorizada (parágrafo por parágrafo, frase por frase, e até palavra por palavra) de **dois capítulos**, um do "Band I" e um do "Band III"⁹ do original, com os seus "equivalentes" na tradução venezuelana, assim como de alguns "mitos" (nas suas versões interlineares e "livres", reproduzidos no "Band II" ou Tomo II, respectivamente. [Foram – aleatoriamente – escolhidos o Cap. IV do Tomo I, e o extenso capítulo inicial do Band III, chamada "Land und Leute no original e "El Pais e sus habitantes" no Tomo III da tradução]¹⁰.

⁸ Na bibliografia da obra de Nelly Arvelo-Jimenez, "Relaciones Políticas em uma Sociedad Tribal", publicada nas Ediciones Especiales do Instituto Indigenista Interamericano (em 1974), encontramos que essa primeira versão da tradução do livro de Koch-Grünberg ao espanhol, realizada pela Senhora Rath, fez parte do acervo da Biblioteca Nacional da Venezuela desde o ano de 1955.

⁹ Centramos nestes dois volumes, porque são, sem dúvida, os mais citados da obra.

¹⁰ A pesquisa foi realizada em março de 2000 nas dependências da biblioteca do INPA, Manaus, dedicadas à preservação de "obras raras". Estamos profundamente agradecidos a todo o pessoal daquela biblioteca, ao Dr. Reinaldo Imbrozio Barbosa, INPA-Roraima, quem nos avisou da existência de um exemplar completo da edição alemã em Manaus, e sobretudo, à diretora da indicada dependência, que nos recebeu e ajudou muito em tudo que era preciso.

Comparação I: Composição geral

Com relação às características mais gerais das duas edições ("original" e "tradução"), antes de tudo é preciso lamentar (e até protestar energicamente; embora bastante *ex tempore!*) a decisão **dos editores** da tradução venezuelana de limitar a sua reprodução do original aos primeiros três, dos **cinco** volumes da obra de Koch-Grünberg, excluindo os "Band IV" e "Band V" do original.

Na já citada "Nota de Presentación" tenta-se - em vão! - justificar essa decisão, em verdade: injustificável: "Como el tomo IV (la obra original consta de cinco) se concreta exclusivamente al estudio de dialectos indígenas regionales, y el último es lo que el autor denomina un 'Typ-Atlas', se ha decidido publicar solamente los primeros três volúmenes, que por su carácter expositivo, documentado e ilustrado son los que guardan especial relación com la índole histórico-económica de nuestra Colección." (Tomo I, p.15). Ou seja: em vez de respeitar a obra na sua íntegra, os editores venezuelanos se acharam no direito de "redimensionar" o trabalho de Koch-Grünberg **arbitrariamente**, se fundamentando para tal barba-ridade num critério totalmente externo a este!

Ora, a razão para tal é, claro, fácil de adivinhar. Mas, não reproduzir dois volumes inteiros do trabalho original de Koch-Grünberg, somente para poupar de tal maneira alguns "Bolívares" nos parece mesmo uma irresponsabilidade imperdoável, principalmente em vista do fato (obviamente desconhecido aos editores do Banco Central da Venezuela) de que, além de uma preciosa e inesgotável fonte de dados etnográficos e (etno)-históricos, a obra de Koch-Grünberg, na sua íntegra, constitui um **documento chave** para a história da etnografia na Amazônia e o desenvolvimento da "Voelkerkunde" alemã, como paradigma nacional alternativa nos primórdios da antropologia internacional. Já me explico.

Mesmo antes de se conquistar um espaço nas universidades européias (nas últimas décadas do século XIX), os "pais" da antropologia internacional, isto é, aqueles homens que, na metade do século XIX, a constituíram como ciência autônoma, isto é: independente de tanto a filosofia, da história, e da geografia (no âmbito dos quais a sua problemática foi tratada anteriormente), já se preocuparam com a qualidade (a veracidade, confiabilidade, comparabilidade e, sobretudo, a "objetividade") dos seus "fatos" que, naquele então, eles extraíram ainda - quase que exclusivamente - de textos (relatos, informes, diários etc.) escritos por "testemunhos" (em geral: sem qualquer preparação científica!) que, ao longo de viagens em partes longínquas do globo, tinham também (mais ou menos casualmente, mais ou menos prolongadamente) em contato (mais ou menos pacífico) com povos nativos.

Mas, a precariedade deste tipo de dados, a falta de diferenciação entre "fatos observados", informações de terceiros, fofocas e avaliações pessoais, as contradições entre visitantes consecutivos do mesmo povo, e o "tom", no geral,

profundamente preconceituoso e – às vezes – abertamente racista de algumas “fontes” tornaram os “dados” neles ofertados de duvidoso valor para uma “ciência” ainda obrigada a argumentar a sua mesma “cientificidade”, num mundo acadêmico, cada vez mais radicalmente empiricista.

Na Alemanha, já os primeiros “Völkerkundler” (antropólogos) tentaram resolver o problema planejando e executando – eles mesmos – extensas “viagens” de prospecção etnográfica, cujos “resultados” apresentaram posteriormente ainda num no **gênero literário** tradicional dos “relatos de viagem”¹¹. Só que, com o passar do tempo, as partes propriamente etnográficas destes “relatos de viagem” destes “Völkerkundler”, começaram a ocupar um espaço cada vez maior, até estourar todos os limites formais impostos pela tradição daquele gênero literário.

Na obra que aqui nos importa, Koch-Grünberg (representante da segunda geração de “Völkerkundler” alemães) rompe corajosamente com as regras constitutivas dos “relatos de viagens” (aos quais se tinha submetido, estritamente, ainda em obras anteriores) apresentando os seus dados etnográficos, levantados ao longo da sua terceira pesquisa no Brasil, em cinco volumes distintos dos quais somente o primeiro (Band I) apresenta um relatório da sua viagem *propriamente dito*, enquanto os outros quatro são, cada um, dedicados a um dos quatro subcampos da antropologia da época: a “antropologia cultural” ou “etnologia” (Band III), os “estudos folclóricos” ou de “mitologia comparativa” (Band II), a “lingüística (comparativa)” (Band IV) e a “antropologia física” (Band V).

Ou seja: a apresentação da obra de Koch-Grünberg em (exatamente) *cinco* volumes não tem nada de “gratuito”. Mas bem: trata-se de uma corajosa tentativa de resolver os problemas que um formato literário – inapropriado para tal – impôs ao representante de uma ciência ainda em formação.

É bem verdade que, por razões que aqui não nos cabe discutir, a etnologia/etnografia de Koch-Grünberg (volume III) fica longe do seu modelo agora “clássico” que, uma década depois, Bronislaw Malinowski “criou” com a publicação das suas “Argonautas do Pacífico”. Também é inegável, que a “lingüística comparativa” do Band IV, e sobretudo a “antropologia física” do Band V, na atualidade têm um valor principalmente “histórico”. Mas, nada disso justifica mesmo a vergonhosa **censura** que os editores da tradução aplicaram a obra de Koch-Grünberg. Ao contrário! A subtração dos volumes IV e V do original da tradução publicada em Caracas destrói o caráter da obra como tal, de documento único da história da etnografia na Amazônia em geral e de história do desenvolvimento metodológico da antropologia internacional na volta do século XIX a XX.

Há, ainda no nível da composição geral, duas diferenças significativas a

¹¹ Não foi esse, por certo, o único meio ou veículo de documentação etnográfico usado por essa geração de Völkerkundler. Além da documentação por escrito (no formato acima indicado), praticamente todos eles experimentaram amplamente com a fotografia, a gravação fonográfica e até o (então ainda) “novo” meio da cinematografia; além – claro – de juntar amplíssimas coleções de “etnográfica” para diversos museus etnológicos da Alemanha. Há até quem considera os Völkerkundler alemães de entre 1880 e 1925, basicamente coletores e museólogos, antes de etnógrafos.

mais entre o original da obra em alemão e aquela parte dela que, afinal, os editores venezuelanos decidiram traduzir mesmo.

1) Encontra-se no Band I do original, colada à sua última página (sem texto nem número), uma folha dobrada (de - mais ou menos – um metro quadrado) mostrando **quatro** mapinhas” (como o próprio Koch-Grünberg prefere chamá-los), sob o título (geral) de “Übersichtskärtchen nach Stieler's Hand-Atlas, No 95 (Nördliches Südamerika)”¹². Lamentavelmente, nenhum destes “mapinhas” foi reproduzido na edição venezuelana.

[O primeiro deles (título: “I = São Marco – Roroima”) mostra o caminho que levou Koch-Grünberg até o monte Roroima. O segundo (“II = Rio Uraricuera”) indica o trecho percorrido pelo autor no rio Uraricuera. O terceiro mostra o “Rio Merewari” e o último: o “Rio Venturari”. Além dos cursos dos rios e os caminhos percorridos pelo autor, os quatro mapas mostram formações rochosas e montanhas, praias e bancos de areia, cachoeiras, malocas indígenas, e a localização exata de cada um dos acampamentos da expedição, além de indicar a localização aproximada das tribos que, segundo Koch-Grünberg, em 1912 ocuparam os lavrados e vales percorridos¹³.]

2) Há ainda outro mapa, colado no final do Band III [título: “Karte: Gebiet zwischen Rio Negro, Rio Branco und Orinoco mit Indianerstämmen und Reiseweg”, ou: “Mapa: Área entre o rio Negro, rio Branco e o Orenoco, com as tribos indígenas e o caminho percorrido”, seguido pela indicação: “nach 446” (= “depois da página 446”)] que - igualmente – falta na tradução venezuelana.

Uma vez mais: é mesmo fácil adivinhar as razões (com certeza: principalmente financeiras) que levaram os editores venezuelanos a excluir também estes mapas da sua edição. Mas, em vista da infinidade de preciosas informações que, em conseqüências de tal decisão, escapam de quem trabalha exclusivamente com a edição venezuelana, elas precisa ser energicamente protestada!

Comparação II: da forma ao conteúdo

Centrando inicialmente nas capas/contra-capas, assim como as páginas iniciais (Título, Ficha bibliográfica, Dedicatória, Índices) do Band I (original) / “Tomo I” (tradução) cabe destacar que – nestes itens - a edição venezuelana reproduz o original com bastante fidedignidade.

Tanto o “Inhalt” do “Band I” (original), como o “Índice” (“Tomo I”) anunciam vinte e dois “Capítulos” e um “Final”¹⁴, e o “Índice de Tablas e Ilustraciones” da tradução (no original: “Verzeichniss der Abbildungen”) reproduz o original, - até

¹² Tradução: “Mapinha de orientação geral; segundo o ‘Atlas de bolso’ de Stieler, Nr. 95 (Norte de America do Sul)”.

¹³ Aliás: nestes mapas, o „Monte Roroima” está mesmo grafado „Monte **Roroima**” (não: Roroima!), embora Manaus siga grafada „Manaos”!

¹⁴ Uma primeira vista dá a impressão que, no Tomo I, está faltando um capítulo inteiro. Mas, um segundo olhar mostra que isso não é o caso! Existe sim um erro **na seqüência** dos 22 capítulos indicados. O índice da edição de Caracas passa do Cap. XX direto para Cap. XXII, alistando o Capítulo XXI só **depois** deste último! Mas, a enumeração das **páginas** está correta!

Avisa a mesma "Nota" também que, ao começar o seu trabalho, a Dra. diríamos: fiel demais, quando substitui – por exemplo - a expressão alemão "Fiebernest" [Cap.XVI] **literalmente** como "nido de febre", ou "castelhaniza" até o nome de um famoso licor alemão ("Mampes Bittere Tropfen"), que re-aparecem como "Gotas de amargo de Mampes" (Ilustraciones, No.94)¹⁵!

Desafortunadamente, esses cuidados não se repetem no Tomo III, onde o "Inhaltsverzeichnis" (do original), mas não o "Índice" da tradução, alista tanto os três títulos (sub-capítulos) da primeira parte ["Das Land und seine Bewohner"] como **também** o total dos 58 sub-títulos deste capítulo (que - na tradução - aparecem somente no próprio texto). Além do mais, no "Inhaltsverzeichnis" do Band III (original), o famoso artigo de von Hornbostel, etnomusicólogo e grande amigo de Koch-Grünberg, é **explicitamente** marcado como "Anhang" ("anexo"), parte suplementar que, no original (mas não na tradução!), se encontra claramente diferenciada da parte principal (inicial) do volume, por uma "capa" própria¹⁶.

Finalmente: o original do "Band III" apresenta - no final do já indicado ensaio de von Hornbostel – todas as partituras de um total de trinta e sete "Gesänge und Tänze" ("Canções e Bailes") dos Macuxi, Wapishana, e Taurepang, - também arbitrariamente excluída da edição venezuelana¹⁷.

Por outro lado, nas suas últimas páginas, os Tomos II e III (tradução) oferecem um "índice" ("Nombres e Temas", no original: "Namens und Sachregister"), de nosso ponto de vista plenamente supérfluo: os "Nombres e Temas" alistados neste índice, pouco (ou nada) tem a ver com os "nomes e coisas" apontados no original! Por exemplo: dos 18 tópicos indicados no "Band III" (original) sob a letra "A", quinze não tem equivalente algum na tradução; entre eles, tópicos tão importantes como: "Arbeitsmittel" (= "Instrumentos de trabalho"), "Allbeseelung der Natur" (= "animismo") e "Allgemeiner Charakter der Indianergesänge" (= "Caráter geral das canções indígenas").

Também na comparação, parágrafo por parágrafo, dos primeiros três volumes (original) com os três volumes da tradução venezuelana, encontramos que - em geral - a edição caraquense reproduz o original com surpreendente fidelidade. Em, todos os três volumes achamos somente **um** parágrafo do original [Band I, Capítulo X (original); p.150] que, por razões desconhecidas, não foi reproduzido na tradução¹⁸. Encontramos ainda que alguns (raros!) parágrafos na tradução juntando arbitrariamente dois ou mais parágrafos do original, ou – alternativamente - dividindo um parágrafo único do original em dois ou mais

¹⁵ Curiosamente, os tradutores **não traduziram** „Dreizehnlinden“ (desafortunadamente reproduzida como ‚Drefehnlinden‘, na tradução ao espanhol do título do Cap. IX). Trata-se do título de uma famosa novela romântica alemã, onde aparece como nome de um fictício monastério medieval, com treze "tílias" no seu caminho de acesso. ("Dreizehn Linden" ou "Dreizehnlinden" = treze tílias).

¹⁶ A capa leva a inscrição: "Anhang: Musik und Musikinstrumente".

¹⁷ O Índice do Original registra esta parte da obra como: "Musikbeilage (parágrafo) A. Makuschi und Wapishána, B. Taulipáng, C. Yekuana".

¹⁸ Entre o primeiro e o segundo parágrafo da p.150 do original aparece um parágrafo de meramente 4 linhas, dizendo: "Naves würde am besten von allen Ansiedlern hier dazu passen, da er ein aufrichtiger Freund der Indianer ist und diese schon vor den Übergriffen der "Weissen" und vor dem Verschleppen in die mörderischen Kautschukwälder schützen würde." – Tradução: "Naves se qualificaria melhor para isso entre todos os colonos aqui, pois é um sincero amigo dos índios e, com certeza, os protegeria contra os abusos dos "brancos" e o seu rapto para [servirem em] as mortíferas matas do caucho.")

parágrafos da edição venezuelana¹⁹.

No outro lado, foram encontradas diversas frases (às vezes também: meras sub-frases!) do original, provavelmente, "esquecidas" pelas tradutoras. Mais freqüentes ainda (embora, todavia relativamente "raras") são omissões de palavras; - sobretudo adjetivos.

Línguas indígenas

Esse momento é oportuno para chamar a atenção para um aspecto da tradução venezuelana que nos parece deveras, até mais que **escandaloso**. Trata-se das modificações arbitrárias (nunca avisadas²⁰, nem justificadas!) realizadas na **grafia** que o próprio Koch-Grünberg criou (em base de um trabalho anterior de Pe. Wilhelm Schmidt: Antropos, Band II, 1907) para representar **por escrito** a fonética do Taurepang/Pemon, Macuxi e Yecuaña/Mayongong.

Para começar: contrário ao original, na edição venezuelana, nenhuma palavra ou frases em língua indígena é "grifada" e – também contrário ao original – os nomes pessoais e tribais quase sempre começam com minúsculas (e não as maiúsculas do original). Finalmente: é preciso ainda denunciar aqui à - nunca avisada! - substituição da regra, anunciada por Koch-Grünberg no próprio texto (fielmente traduzido ao espanhol), segunda qual todas as palavras em língua(s) indígena(s) levam acento na sílaba efetivamente acentuada, independente da sua posição dentro das palavras. Ora, na tradução, essa regra (mesmo que mantida no texto!) foi silenciosamente substituída por outra, própria do espanhol, segunda qual se marca as sílabas acentuadas somente quando não se tratar da penúltima!

Ora, tudo isso poderia – talvez - ainda ser perdoado. Mas, **totalmente intolerável** é mesmo a simples eliminação (nunca justificada!) de alguns "símbolos" ou "letras especiais", criadas pelo próprio Koch-Grünberg com o declarado intuito de dar conta da fonética própria das línguas indígenas por ele estudadas.

No original, Koch-Grünberg explica e justifica as particularidades da sua grafia de palavras e frases em línguas indígenas em duas páginas do Band II e – uma vez mais – no Band III; em ambos casos, sob o idêntico título de "Lautlehre", e ambas explicações/justificativas a(s) tradutora(s) reproduziu/-iram fielmente sob título de "Fonética", nas páginas 11-12 do Tomo II, e as páginas 14-15 do Tomo III, respectivamente. Só que a "fonética" anunciada na tradução, pouco tem a ver com a "Lautlehre" elaborada por Koch-Grünberg! Como revela a comparação: as duas se diferenciam principalmente (e substancialmente) pela nunca injustificada

¹⁹ Por exemplo: o 5º parágrafo do Capítulo I da Tradução (Tomo I) junta o 5o e 6o parágrafo do original. O 1º e 2º parágrafo da p.142 (Cap. X, Tomo I) constituem um só parágrafo no original. Tais contrações / divisões de parágrafos ocorrem com moderada frequência em todos os três volumes da tradução, - sem qualquer "razão" imediatamente visível.

²⁰ Em alguns casos excepcionais, as mesmas tradutoras avisam o leitor das "correções" por elas realizadas. Por exemplo: na página 48, elas informam (nota!) que, no original, o rio Vaupés aparece grafado: Uaupés. Até tem nota avisando que, excepcionalmente, os tradutores **não corrigiram** o original; - mesmo achando que deveriam (Nota 1, p.27).

(e plenamente injustificável!) **supressão** de várias "letras especiais", criadas pelo próprio Koch-Grünberg, e a **substituição** (igualmente, sem aviso e justificativa!) **de outras**, por "letras", emprestadas do "abecedário" espanhol!

Como tudo indica, estas mudanças foram introduzidas na edição venezuelana pela simples razão de facilitar o trabalho de edição!

Ora, como as divergências, entre a "Lautlehre" de Koch-Grünberg e a "Fonética" da edição venezuelana, **são sistemáticas**, elas poderiam, talvez, até ser ainda toleradas, se a "Fonética" da tradução, explicitada nas páginas acima indicadas, fosse mesmo a **efetivamente usada** no total da edição venezuelana. Só que qualquer comparação pormenorizada mostra que isso **não é o caso!**

Em realidade, grande parte dos textos em língua(s) indígena(s), tanto do Tomo III como – sobretudo - do Tomo II da tradução venezuelana, apresenta as palavras indígenas **segundo as regras da "Lautlehre" de Koch-Grünberg (original)**, e **não** segundo a "fonética", exposta no início dos dois volumes!

A "(sem-)razão" disso é claro que, para facilitar (e baratear!) edição das "traduções interlineares" de mitos, contos, e canções indígenas (tanto no Tomo II, como no Tomo III), os editores venezuelanos simplesmente **(foto)-copiaram o original**, apagando então a tradução interlinear (em alemão) das cópias, substituindo-a pela tradução em espanhol!

Curiosamente, os editores venezuelanos **não** seguiram esse mesmo procedimento naquela parte do Tomo II que contem as "versões livres" (em espanhol) dos "Mitos e lendas" recolhidos por Koch-Grünberg nos lavrados roraimenses. Estas, na sua transcrição de nomes e palavras emprestadas diretamente de línguas indígenas, seguem (em geral) a grafia – digamos - "espanholizada" anunciada na "fonética"!

Ou seja: encontram-se nesta tradução venezuelana **dois sistemas distintos** em uso para grafar nomes, palavras soltas, e frases inteiras em línguas indígenas: um sistema, explicado no início dos Tomos II e III e usado exclusivamente na grafia de nomes e palavras indígenas "soltas" ao longo de todo o texto da tradução; e outro, inventado pelo próprio Koch-Grünberg, sem aviso nenhum **mantido** em todas as traduções interlineares dos Tomos II e III; - **contrário** aos anúncios da "fonética", no início de ambos volumes!

Por boa sorte, tais arbitrariedades pouco afetam a qualidade *stritu sensu* das **traduções interlineares** de mitos e canções indígenas na edição venezuelana, reproduzidos, sobretudo, nos Tomos II e III. Mas, elas tornam simplesmente inservíveis as transcrições **dos originais** destes contos, mitos, e canções em língua indígena, ofertadas na edição venezuelana!

Algumas palavras finais:

Poderíamos (e até deveríamos, talvez?) terminar esse trabalho aqui,

recomendando – pelas razões até agora expostas - certa **cautela** no uso da tradução venezuelana de "Vom Roroima zum Orinoco" de Koch-Grünberg, mesmo que nossa pesquisa confirmou que – no geral - ela é "confiável".

Mas, é claro que, terminando nosso trabalho dessa maneira, nós deixáramos simplesmente **sem resposta** o que constitui a questão principal de qualquer pesquisa como a nossa. Bom então, a tradução sob escrutínio é mesmo "confiável", é dizer: ela "reproduz" mesmo o original em outra língua, nos seus principais aspetos formais e semânticos (com as graves exceções acima tratadas!), assim que um leitor, obrigado a trabalhar com essa tradução (em vez do original) não corre grande risco de extrair informações dela não presentes no original. Mas, afinal, descontando todos os defeitos até agora apontados, a tradução venezuelana da obra de Koch-Grünberg é mesmo uma tradução "bem", ou meramente "razoável", ou até mesmo "ruim" - **como tal?**

Bom, então, embora – em geral – bastante "fiel" ao original, a tradução da Dr.a Ritter **não** nos parece particularmente "boa"; pois, **não** logra em absoluto reproduzir em espanhol o "ductus" ou "tom" particular do original, - paradoxalmente, porque se "apega" demais à "fraseologia" própria de Theodor Koch-Grünberg!

Em realidade, "Do Roroima para o Orinoco" constitui – em grande parte - uma **tradução quase "verbatim"** do texto alemão; uma tentativa (necessariamente mal-sucedida!) de, em vez de traduzi-lo, **re-produzir** o texto de Koch-Grünberg (palavra por palavra) em outra língua! Isso, claro, tem o seu preço! Por exemplo: com certa freqüência, essa finalidade obriga a(s) tradutora(s) a usar expressões, digamos "esquisitas" no espanhol, como "bocina de hacer señales" para "reproduzir" o termo alemão (inusitado!) de "Signalhupe" [p.47²¹], e "récios gritos de júbilo", como tradução dos "laute Jauchzer" que, segundo Koch-Grünberg, alguns índios lançaram em certos momentos²².

Mas, isso não é tudo, nem o pior, pois, em outras ocasiões, obviamente por ignorar equivalências mais diretas, a mesma "estratégica" da(s) tradutora(s) leva ela(s) a abandonar por completo a **especificidade e precisão semântica** da língua de Koch-Grünberg, e "substituir" expressões nada fortuitas, por supostos "equivalentes" (em espanhol) pouco felizes, pois, em geral, muito mais (digamos) "genéricos" que os termos usados no original. Em casos extremos, isso resulta numa grave tergiversação semântica! Mas, vemos alguns exemplos.

Na terceira frase do Capítulo 4 (Band I, original), Koch-Grünberg informa que - em certo momento da sua primeira marcha em direção à aldeia Taurepang de "Koimelemong" - a sua tropa de carregadores indígenas encontrou um "Arroyo" que "...wir mehrmals bis zur Brust durchwaten müssen". Admitimos inicialmente

²¹ Teria sido muito melhor traduzir essa palavra composta de „Hupe“ (= bocina) e „Signal“ (= sinal) simplesmente como „bocina“. Afinal, qualquer „bocina“ é mesmo uma „Signalhupe“.

²² Não existe em espanhol (ou português) equivalente direto da palavra alemã (hoje em dia, além de regionalista, já algo antiquado!) de "Jauchzer". A palavra identifica uma espécie de "exclamação (freqüentemente involuntária) de surpresa" (sempre!) **positiva**, que - talvez - inclua "gritos de júbilo". Mas, "Jauchzer" não se limita a "gritos", e nem todos os "Jauchzer" são necessariamente "de júbilo".

que se trata (no próprio original!) de uma construção gramatical "inusitada" (embora: não "errada"!). Mesmo assim, a tradução desta sub-frase, ofertada no Tomo I da edição venezuelana ("que, al vadearlo, nos llega algunas veces hasta el pecho"), simplesmente, **nem chega perto** do sentido da expressão em alemão! Pois, em alemão, a mensagem principal da (sub)-frase é que a tropa de Koch-Grünberg precisava "vadear" aquele "arroyo" **várias vezes**; e somente em segundo lugar, que - em cada um destes instantes - a água chegou mesmo "hasta el pecho" dos integrantes do grupo.

Outro exemplo: no terceiro parágrafo da mesma página, alguns "niños e muchachas jovens" de Koimelemong cercam o Padre Adalberto, rezando o "Padrenuestro" em Macuxi, e (supostamente) cantando "canciones eclesiásticas y de navidade en el mismo idioma". Só que, no original, esses mesmos Jungs und Mädels (meninos e meninas) cantam canções eclesiásticas em Macuxi, que Koch-Grünberg especifica em seguida, como canções "natalinas" ["..und singen einige Kirchenlieder mit Makuschitext, Weihnachtslieder."].

Finalmente: na página 48 da tradução, Koch-Grünberg discute (em termos bem gerais) a presença de missionários entre os indígenas, insistindo (supostamente) em que – "a pesar de las oraciones y canciones sagradas", os Macuxi / Taurepang de Koimelemong se encontraram ainda "en el más profundo paganismo y todo lo repiten sin pensar en nada." Ora, no original, a última meia frase reza: "...und plappern alles gedankenlos nach!" Há mesmo uma diferença semântica fundamental aqui entre o que diz o texto original e o que assegura a tradução. A palavra chave da frase no original é – sem dúvida – "gedankenlos", adjetivo que, mesmo composto de "Gedanke" (pensamento/idéia) e o sufixo -los (= "sem"), em alemão **não** implica necessariamente a "ausência de qualquer idéia ou pensamento"!

Pois, os alemães chamam "gedankenlos" às pessoas que – em certo contexto! - deixaram de pensar (ou imaginar) o que eles **deveriam ter pensado** (ou imaginado) naquela situação! Se, portanto, os índios de Koimelemong repetiam mesmo "gedankenlos" as orações e canções ensinadas pelos padres, o que Koch-Grünberg **quis** mesmo expressar é que tais repetições lhe pareciam meramente "mecânicas"! Só que, para "traduzir" o sentido da expressão de Koch-Grünberg ao espanhol, seria mesmo indispensável abandonar a "tática" das tradutoras venezuelanas de tentar "reproduzir" o original em espanhol, palavra por palavra, pois, tem expressões em alemão, que simplesmente não tem equivalente direto em espanhol (e viceversa!).

Talvez, um último exemplo (tomado do mesmo parágrafo da tradução que acabamos de discutir): Na frase acima citada, a edição venezuelana "traduz" a palavra alemã "nachplappern" como "repetir". Só que, sem dúvida, mesmo aqueles que "nachplappern", repetem (alemão: "wiederholen") o que outros lhes pré-formularam ("vorsagen"), o verbo espanhol "repetir" fica bem longe da riqueza

semântica implícita no verbo alemão "nachplappern"! Em alemão, "plappern" (sem o prefixo "nach", que indica uma seqüência temporal/espacial) nem implica necessariamente "falar", mas a simples produção de uma seqüência qualquer de sons ou tons que **podem** até meramente parecer "palavras" de verdade²³. "Plappern" (talvez: palrar?) é, por exemplo, o que crianças fazem, antes de aprender a falar.

Mas, no alemão, usa-se "plappern" também para caracterizar o jeito de falar de bêbados (ou loucos), por exemplo, ou com relação a certas imaginações de crianças, e até para caracterizar o "chi-chi-chi" de certo tipo de homens e mulheres! Ou seja: (nisso: igual ao termo "gedankenlos") o termo "plappern" é eminentemente valorativo, - momento completamente ausente no verbo "repetir" do espanhol! Quem "plappert", não fala "corretamente", no sentido de ou não pronunciar devidamente as palavras que fala, ou falar "sem pensar" (isto é: considerar as conseqüências das suas palavras). Portanto: detrás daquilo que é "geplappert", não tem "idéia" ou "sentido". Quem "plappert", emite sempre uma seqüência de sons ou tons "sem sentido", - mesmo quando usa palavras "verdadeiras" em construções gramaticais corretas!

Para Koch-Grünberg, pois, os índios de Koimelemong "plapperten", porque não sabiam, ou não se importavam do que estavam "dizendo"²⁴!

Ora, para dar alguma idéia da proporção deste tipo de "problema" no total do texto que aqui nos importa: no acima tratado capítulo do primeiro volume da edição venezuelana encontramos, em média duas, às vezes três (ou mais sub)**frases por página** que, segundo nosso entender das duas línguas envolvidas, "diziam" algo, em última análise, "parecido" mas, - afinal - **distinto** do que a "mesma" frase do original. Além do mais, encontramos - de novo: em média - uns cinco a dez "termos", por página, que, de nosso ponto de vista, ficam longe do exato "sentido" dos seus supostos "equivalentes" em alemão. Ora (em vista da magnitude e dificuldade intrínseca da obra), duas frases por página, e uma meia dúzia de termos numa página inteira, talvez não é nada realmente "preocupante". Mas, trata-se, com certeza, de um problema, que justifica a nossa seguinte avaliação final:

Quem **precisa** mesmo usar "Del Roraima al Orinoco" como fonte (etno)-histórica, porque não domina a língua do seu original, **pode** usar essa "tradução", em geral (como vimos) bastante "fiel" ao original, sempre que observe certa cautela. Sem dúvida, a tradução informa o seu leitor razoavelmente bem (e, em geral: correta e completamente!) daquilo que Koch-Grünberg fez, pensou, observou, e escutou em Roraima, assim como daquilo que - afinal - ele achou suficientemente importante (e interessante) para inclui-lo no seu livro. Mas, enquanto a redação de qualquer "texto" constitui uma tentativa de transformação de uma interpretação

²³ A tradução do termo grego de "barbaroi" (bárbaro) é "Plapperer".

²⁴ Ora, é preciso enfatizar aqui que a tradução aqui em questão, as vezes também oferece "soluções" a problemas de "expressão", excepcionalmente felizes, como quando (nos parágrafos 2 e 3 da p.52) reproduz o „tom" sublimemente poético da descrição de alguma paisagem que impressionou nosso autor profundamente.

de "fatos", ou "dados" de observação (experiência), numa seqüência específica de frases, cuja "construção geral" concreta carrega um "sentido adicional", indispensável para a "re-construção" do seu sentido intencionado pelo autor (além de um valor estético, independente dos "fatos" referidos), em vista dos "problemas" acima indicados, qualquer **interpretação** fundamentada no texto de Koch-Grünberg precisa ainda se referir ao original.

Resumo

Neste trabalho procuramos compreender a participação dos indígenas no processo de construção do lugar não indígena em Florianópolis, no século XX. Usamos fontes variadas de um lado, e uma fonte cartográfica por um outro lado, para analisar, em seus textos, as palavras e, de outro, os pensamentos de Michel de Certeau, quando este afirma que os nativos constroem lugares.

Palavras-chave:

Indígenas; não indígena; cultura.

Abstract

This work analyzes the Indians' participation in the process of construction of a non-Indian place in Florianópolis, in 20th century. We use a diversified material – texts already published and Michel de Certeau's thoughts inasmuch he defends that the reports build places.

Keywords:

Indians; non-Indian; culture.

Em "Índios de Florianópolis", trabalho publicado pelo Centro de Informações e Documentação em 1989, é observado que a partir de meados do século XIX, houve uma alteração nos documentos oficiais sobre a região do Rio Itajaí, devido às relações dos indígenas, até mesmo aos grupos mais arcaicos e, em alguns momentos, notórias abundantes sobre a situação de cada um. Para os autores da publicação, isto permite perceber o esquema ideológico que se esconde por trás desta tipo de ocupação que se desenvolveu na região:

Indiferente à prática já não se relacionam diretamente, mas através de mediações produzidas e impostas pela inversão geográfica. O lugar passa a ser índice de propriedade da terra. Assim,